

74

nos pisos superiores; e à fachada lateral norte correspondem mais camarins e instalações de apoio ao palco.

Tal como acontece no *Monumental* e no *Avenida*, a decoração dos espaços interiores merece, também aqui, atenção especial, por forma a transmitir um ambiente de luxo e requinte no qual as pessoas se revejam. Os espaços mais “nobres” são revestidos com “materiais de 1ª qualidade como mármore, azulejos decorativos e pintura decorativa”²⁰, enriquecidos por elementos decorativos naturalistas na pormenorização das guardas, balaustradas e grades, e por grandes lustres e tectos trabalhados (Fig.75). No interior da sala, a decoração é mais contida: por razões acústicas, as paredes laterais são lisas e revestidas por lambris de cortiça comprimida, existindo apenas alguma decoração no desenho dos camarotes e configuração do tecto, composto por caixotões que integram o sistema de iluminação indirecta (Fig.76).

Exteriormente, a fachada principal pode ser considerada uma versão mais reduzida e mais regionalista da fachada do *Monumental*, assentando nos mesmos princípios compositivos: simetria; torre sinalizadora lateral; colonata adossada integrando vãos verticais ao nível do 1º piso, de forma a reforçar a verticalidade e monumentalidade do conjunto; abertura fran-

Fig.74 – Micaelense – Corte transversal pelo interior da sala, assinado por Arq. Rodrigues Lima – Esc. 1/400



75



76

Fig.75 – Micaelense – Imagem do interior do salão nobre

Fig.76 – Micaelense – Disposição interna da sala

Fig.77 – Micaelense – Alçado principal, assinado por Arq. Rodrigues Lima – Esc. 1/400

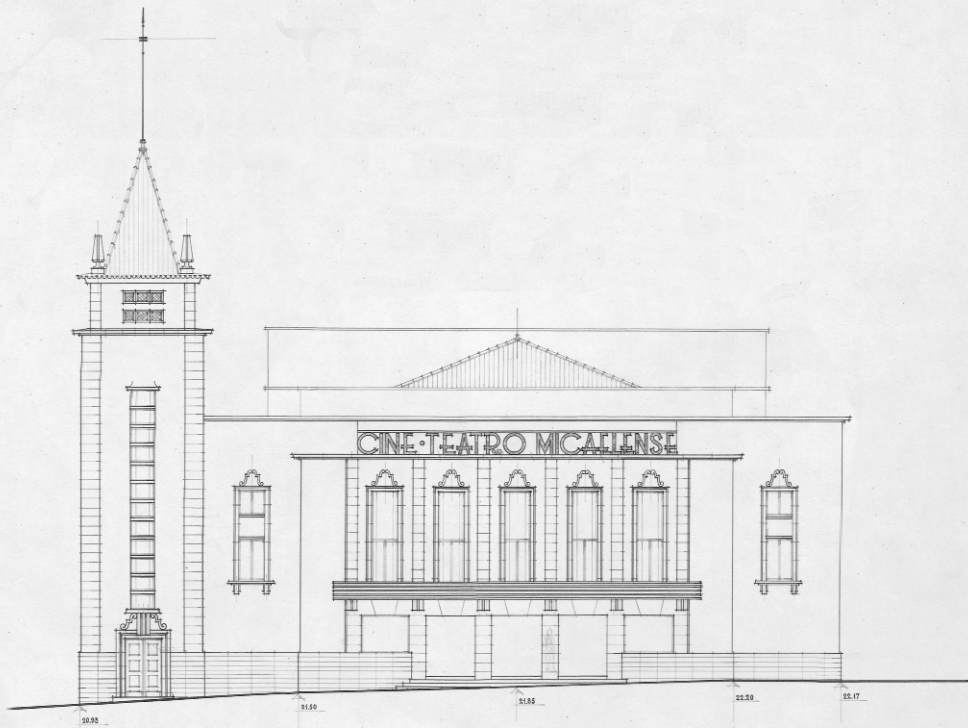
Fig.78 – Micaelense – Alçado lateral direito, assinado por Arq. Rodrigues Lima – Esc. 1/400

Fig.79 – Micaelense – Alçado lateral esquerdo, assinado por Arq. Rodrigues Lima – Esc. 1/400

Fig.80 – Micaelense – Alçado posterior, assinado por Arq. Rodrigues Lima – Esc. 1/400

ca ao nível da entrada. No entanto, os elementos decorativos aplicados no *Monumental*, de cariz mais nacional, mais imponentes, como a esfera armilar no topo da torre, os mastros, ou as esculturas alusivas, dão aqui lugar a elementos mais regionalistas, como o já referido coruchéu, pináseos e varandas trabalhadas, por forma a uma melhor integração do edifício no conjunto e na cidade que necessitava de um edifício representativo que a dignificasse. A escala imponente deste edifício que ocupa uma posição de destaque no centro de uma praça, a simetria e axialidade do mesmo, a decoração pesada integrando os materiais característicos da região e ainda a torre lateral que mais se assemelha a uma torre de igreja, conferem a este edifício um carácter de monumento, aqui consagrado ao culto do cinema e do teatro. Sem grandes elementos que evidenciem a sua função, este edifício nada se assemelha com a imagem reconhecível de uma arquitectura cinematográfica (Fig.77).

As fachadas laterais seguem globalmente os mesmos princípios compositivos, na parte correspondente às zonas de circulação e permanência que envolvem a sala de espectáculos, articulando-os com um tratamento mais simples e linear dado à parte dos gabinetes e camarins laterais ao palco (Figs.78 a 80).

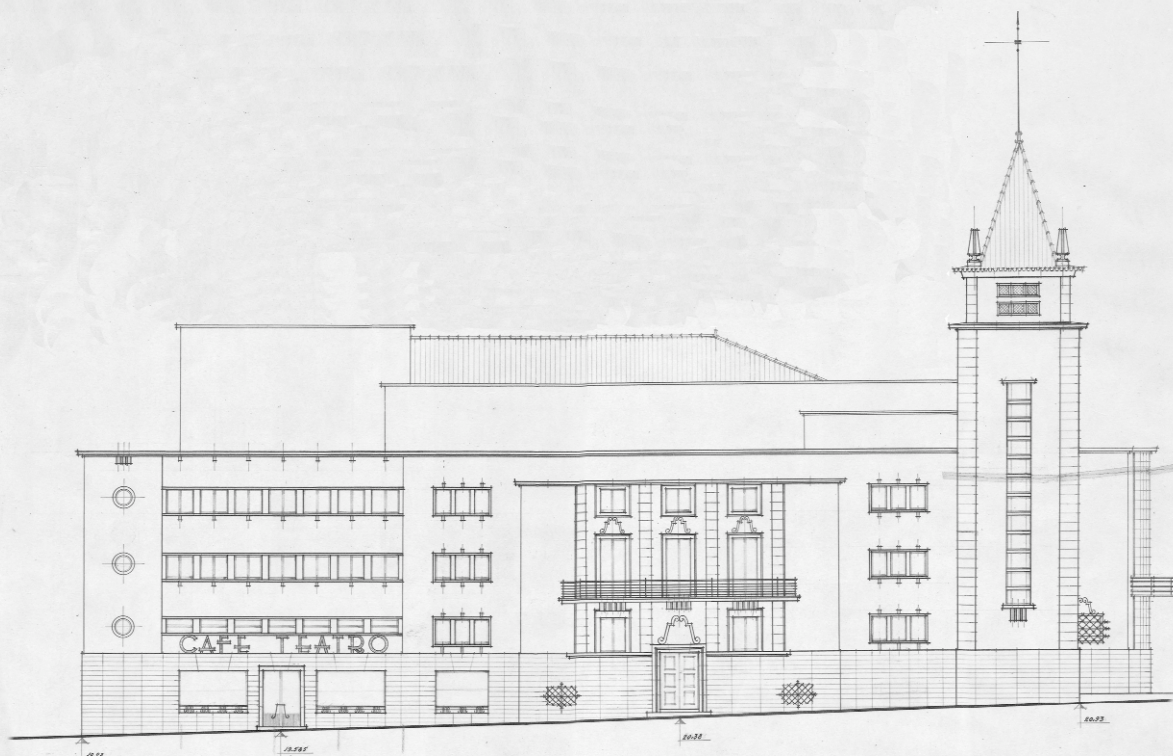


ESCALA DE 0,01 P.M.

ALÇADO PRINCIPAL

O ARQUITECTO,

13

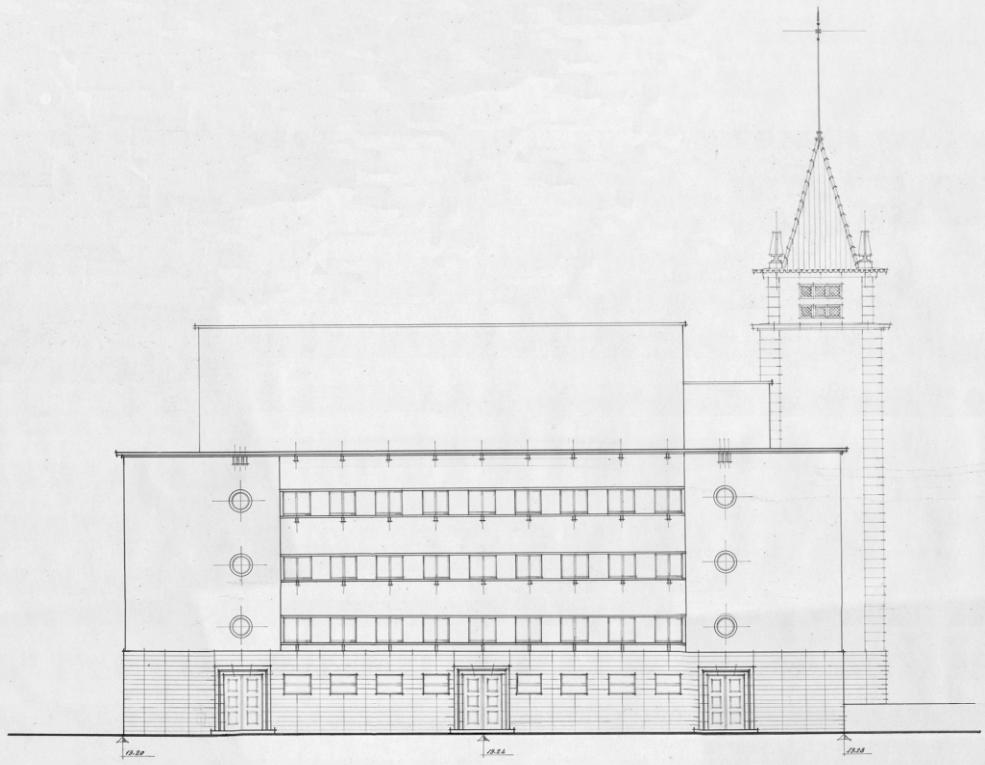


ESCALA DE 0,01 P.M.

ALÇADO LATERAL ESQUERDO.

O ARQUITECTO,

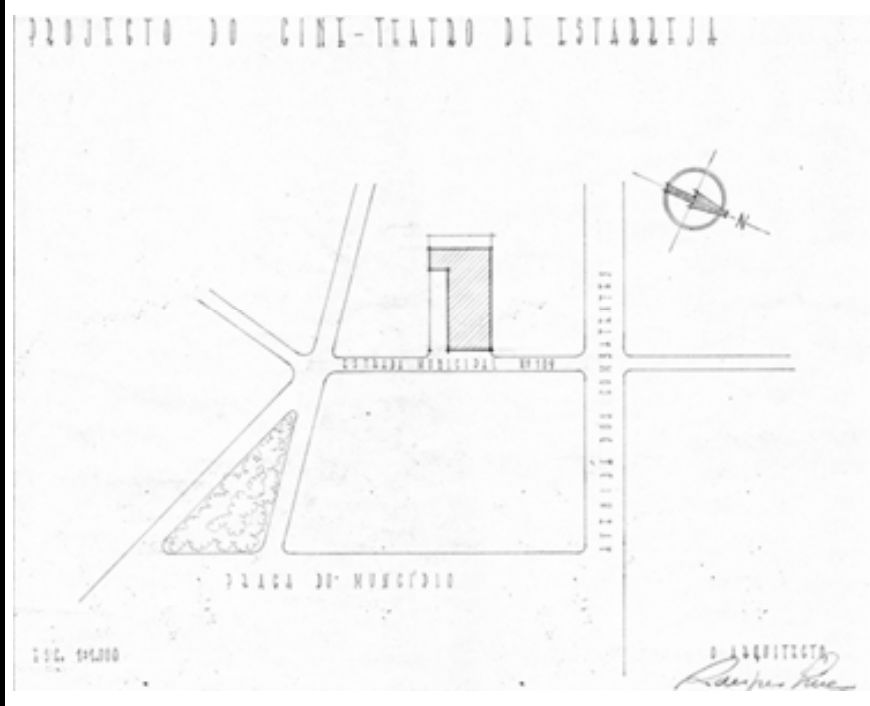
Raul Rodrigues Lima



ESCALA DE 0,01 P.M.

ALÇADO POSTERIOR

O ARQUITETO,
Rafael



81

Cine-Teatro de Estarreja – Estarreja (1947 – 1951)

O lote disponível para a construção do novo cine-teatro de Estarreja, localiza-se precisamente no centro desta cidade, junto a um dos seus principais eixos de circulação, próximo do seu centro histórico. Deste modo, o arquitecto dispõe o edifício no sentido perpendicular à rua, de modo a que a fachada principal se vire para esta e consequentemente para a praça central (Fig.81). Isolado pelos vários lados, o arquitecto não podia prever o tipo de construções que iriam rodear o edifício, estando hoje “abafado” pelos edifícios habitacionais que se situam do outro lado da rua, em frente ao mesmo. No entanto, os espaços laterais, adjacentes ao edifício, continuam desocupados.

Apresentando uma volumetria simples e de linhas direitas, o cine-teatro de Estarreja concretiza-se sob a forma de um grande paralelepípedo, ao qual se adossa lateralmente outro paralelepípedo mais pequeno para formar o corpo dos camarins (Figs.82 e 83).

A sala de espectáculos, disposta no sentido longitudinal do edifício, ocupando toda a largura do mesmo, constitui o núcleo central, dominando todas as outras dependências. Assim sendo, a parte da frente do edifício fica destinada a uma utilização por parte do público: acessos, foyers, bar, instalações sanitárias; e a parte de trás do edifício, correspondente à zona do palco e corpo dos camarins, destina-se naturalmente a pessoal

Fig.81 – Cine-teatro de Estarreja – Planta de implantação, assinado por Arq. Rodrigues Lima



82



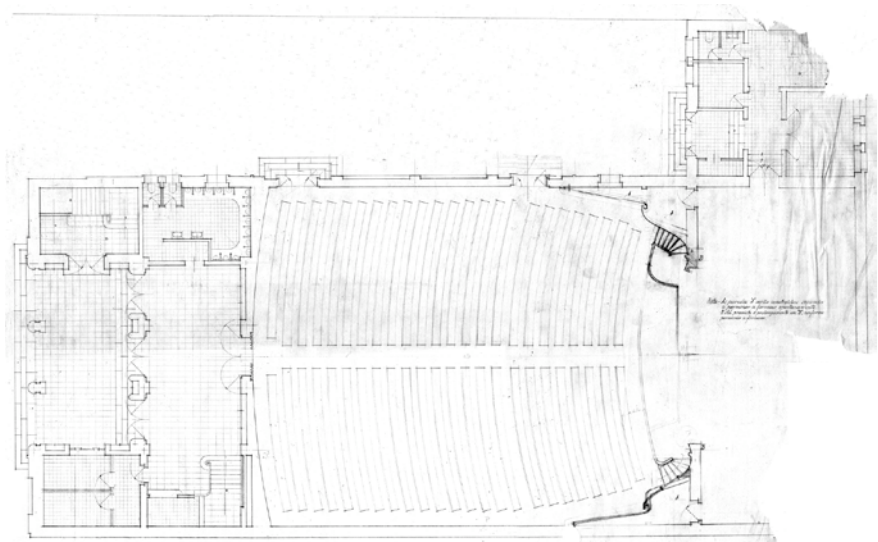
83

Fig.82 – Cine-teatro de Estarreja – Fachada principal do cine-teatro

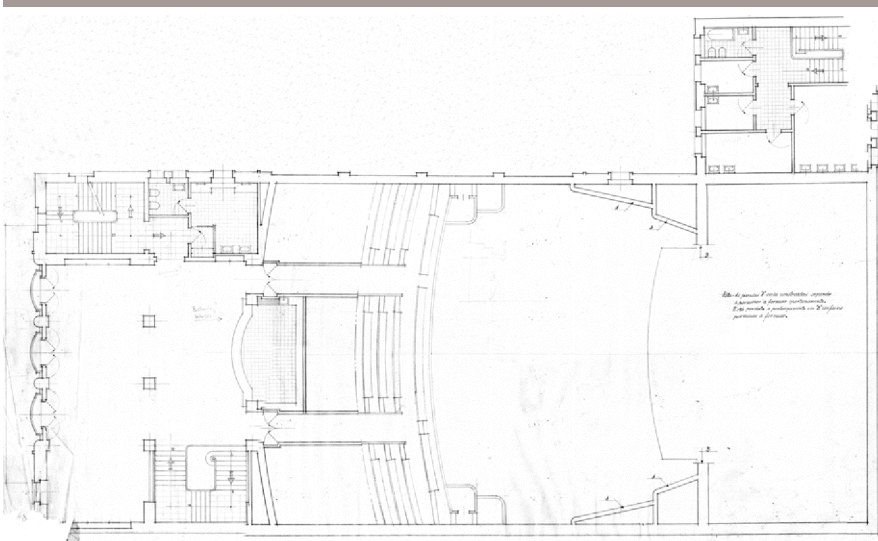
Fig.83 – Cine-teatro de Estarreja – Volumetria geral do edifício

do teatro ou pessoal técnico. Tal como acontece no *Ruacanã* com o corpo central da sala de espectáculos, também aqui este corpo contém em si todas as dependências necessárias ao bom funcionamento do programa (Figs.84 e 85).

Alcançando uma simplicidade formal e clareza funcional na organização interna dos espaços, o arquitecto faz entrar todos os espectadores por um vestíbulo semi-exterior, onde se encontram as bilheteiras, que permite o acesso ao foyer ao nível da plateia (Fig.86). A partir deste foyer tem-se acesso, de um lado às instalações sanitárias e do outro a uma escadaria que conduz ao foyer/bar do 1º piso. Este foyer, mais espaçoso, para além de permitir o acesso ao balcão, torna-se o principal espaço de reunião, dispensando o habitual salão nobre, até aqui recorrente nos cine-teatros de maior escala e carácter mais representativo (Fig.87). O bar, aproveitando o vazio disponível por baixo do balcão, funciona como complemento desse espaço. Ainda na parte frontal do edifício, em piso superior a este foyer e num plano recuado em relação à fachada, localiza-se a zona técnica do cinema, correspondente à cabine de projecção, enroladeira, cabine dos bombeiros e escritório da gerência, à qual se acede por meio de uma escada que se desenvolve a toda a altura do edifício (Fig.88). Esta escada fica situada no interior da torre da fachada que, para além de uma função sinalizadora, serve ainda de suporte ao depósito de água,



84



85

Fig.84 – Cine-teatro de Estarreja –
Planta ao nível do piso de entrada, assi-
nado por Arq. Rodrigues Lima
– Esc. 1/400

Fig.85 – Cine-teatro de Estarreja –
Planta ao nível do 1º piso, assinado por
Arq. Rodrigues Lima
– Esc. 1/400

Fig.86 – Cine-teatro de Estarreja –
Fotografia actual do espaço que era
antes o vestíbulo de entrada semi-exte-
rior

Fig.87 – Cine-teatro de Estarreja –
Imagem actual do espaço que corre-
spondia ao foyer do 1º piso

Fig.88 – Cine-teatro de Estarreja –
Corte longitudinal pelo interior da sala,
assinado por Arq. Rodrigues Lima
– Esc. 1/400

obrigatório por razões de segurança.

A sala de espectáculos, com uma lotação de 890 espectadores, é composta por plateia e balcão, não sendo evidente qualquer estratificação social. As proporções da sala, bem como a inclinação dos pavimentos, privilegiam a boa visibilidade para o ecrã/palco, numa sala onde a decoração se resume a um revestimento de parte das paredes por lambris de cortiça, a um desenho do tecto que por meio de caixotões integra um sistema de iluminação indirecta, e pelo desenho da parede do proscénio, onde uma “moldura” de linhas directas, integrando óculos circulares, serve de enquadramento ao ecrã (Figs.89 e 90). Lateralmente à plateia, existem duas portas para saída de emergência, que dão directamente

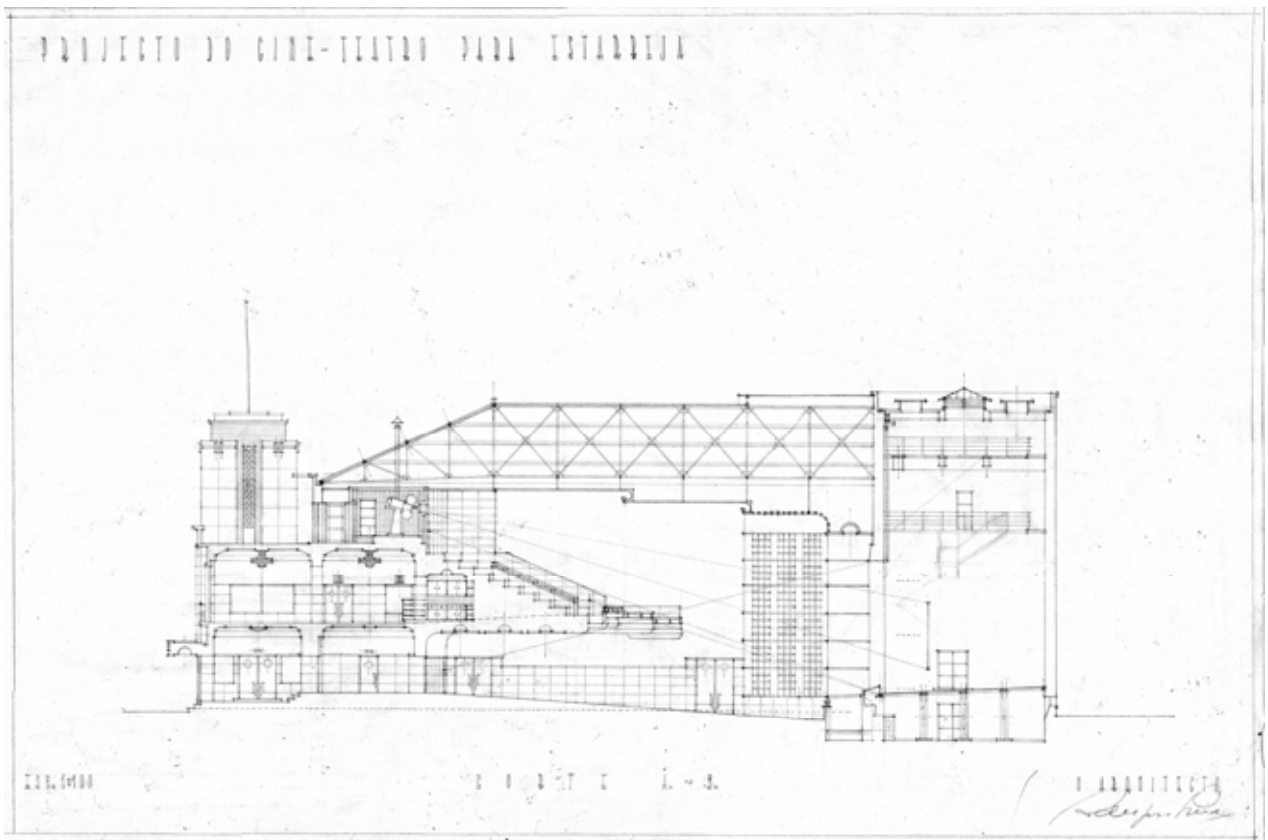
86

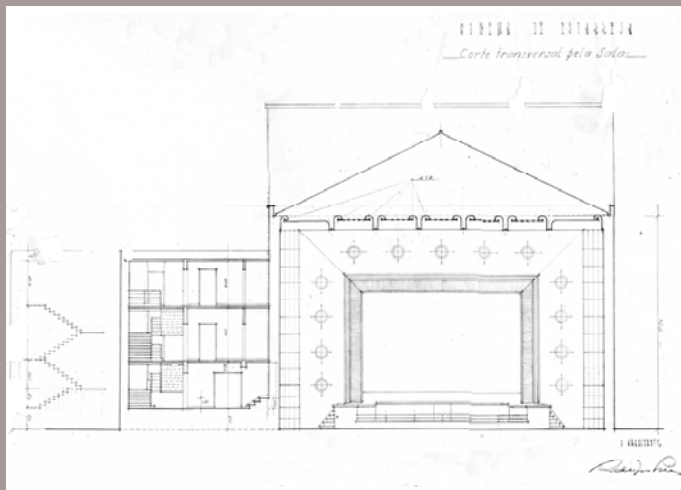


87



88





para um espaço exterior, parte integrante do conjunto do cine-teatro, que serve de acesso ao corpo dos camarins. O corpo dos camarins adossado e comunicante com a caixa de palco, tem então acesso independente pelo exterior, o que permite a toda a zona do palco, que só comunica com a sala pela boca de cena, um funcionamento autónomo.

Esta clareza e simplicidade na composição interna do edifício traduz-se também, naturalmente, no desenho das fachadas, onde apenas alguns elementos de cariz mais tradicional, como as grelhas cerâmicas em forma de dente de serra ou as guardas desenhadas, se aplicam sobre uma volumetria segura e bem articulada (Fig.91 e 92).

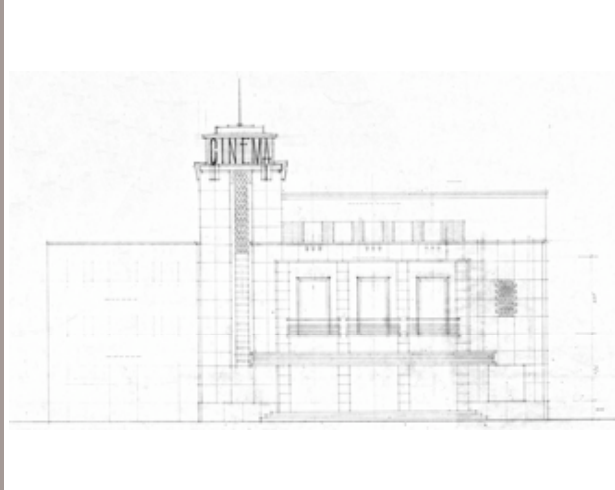
A fachada principal, com um desenho simétrico, torre lateral iluminada no topo, corpo frontal destacado com cobertura plana e marquise publicitária sobre a entrada principal, assemelha-se bastante à fachada do *Ruacaná* em Nova Lisboa, ainda que o desenho e tratamento dado a alguns elementos, como a torre, seja bastante diferente.

As fachadas laterais, correspondendo às paredes laterais da sala, apresentam grandes panos cegos, sendo apenas animadas por algumas recêntrâncias, portas ao nível térreo, e janelas circulares nos extremos, correspondendo a áreas de apoio. O corpo dos camarins apresenta uma volumetria simples e uma fachada de composição bastante linear (Fig.93).

As coberturas planas, as fachadas lisas sem grande decoração, o recur-

Fig.89 – Cine-teatro de Estarreja – Imagem actual do interior da sala

Fig.90 – Cine-teatro de Estarreja – Corte transversal pelo interior da sala, assinado por Arq. Rodrigues Lima – Esc. 1/400



91



92



93

Fig.91 – Cine-teatro de Estarreja – Alçado principal, assinado por Arq. Rodrigues Lima – Esc. 1/400

Fig.92 – Cine-teatro de Estarreja – Composição simétrica da fachada principal

Fig.93 – Cine-teatro de Estarreja – Imagem actual da fachada lateral do edifício

so a elementos que lembram os transportes náuticos, e ainda uma disposição interna simples e funcional, revelam um edifício de carácter moderno.

Nos últimos anos o edifício sofreu obras de remodelação, funcionando actualmente como sala de espectáculos da cidade. Mantendo a configuração geral do edifício, surgem apenas algumas alterações de modo a responder às necessidades actuais e proporcionar melhor conforto.

Relativamente aos espaços de entrada e circulação, encerra-se o vestíbulo de entrada, outrora semi-exterior, com um conjunto de portas de vidro, integrando-o no foyer principal e aumentando todo o espaço de entrada. Reduz-se a área das instalações sanitárias para aí introduzir um elevador que acede aos três pisos, e muda-se a orientação da escada de acesso ao foyer do 1º piso, encostando-a à parede lateral, por forma a não quebrar tanto esse espaço. Altera-se ainda o revestimento das paredes e chão, e aplicam-se tectos falsos de modo a transmitir uma imagem mais actual e de maior conforto.

No interior da sala, as principais alterações prendem-se com a redução da altura da sala e da boca de cena pela introdução de um novo tecto suspenso, e também com a redução da lotação para 502 lugares, para além dos novos revestimentos, mobiliário e acabamentos.

Exteriormente, mantém-se a mesma configuração, sendo notória a substituição das grelhas da torre sinalizadora por envidraçados contínuos.



94

Covilhanense – Covilhã (anos 40, 50)

A construção do cine-teatro *Covilhanense* integra-se num plano geral de urbanização para a cidade da Covilhã que previa o “Arranjo da Praça do Pelourinho e Ruas de Acesso”. O estudo para um novo centro cívico da cidade, devido às precárias condições em que se encontrava o antigo, é desenvolvido, em parte, pelo arquitecto João Aguiar no início da década de 40, que prevê a reestruturação de toda a praça, abandonando a forma irregular e assumindo uma forma rectangular. Esse estudo prevê um novo projecto para o edifício dos Paços do Concelho, bem como a construção de novos equipamentos públicos para a Praça do Município, como o edifício para os CTT, Caixa Geral de Depósitos e Cinema (conforme o plano de conjunto estabelecido para a praça).

No entanto, e dado tratar-se da década de 40, a fase mais “pesada” do Estado Novo, o novo conjunto deveria transmitir uma ideia de solenidade e austeridade adequada ao carácter de um Praça Municipal: “(...) As fachadas dos edifícios parietais ou frontais à futura praça seriam estudadas dentro dos estilos tradicionais e nacionais (...). Excluindo-se para todos os efeitos, a possibilidade de ali serem implantadas construções de nudez hotentote vulgarmente baptizadas de “estilo moderno”, para provar a criminoso improdutividade e preguiça dos artistas do século XX, pois a arquitectura não é, a-pesar-de o ter dito Le Corbusier, “a exposi-

Fig.94 – Imagem geral da nova Praça do Município



95



96

Fig.95 – Remate lateral da praça pelo edifício do cine-teatro Covilhanense

Fig.96 – Remate lateral da praça pelo edifício dos CTT

ção correcta e magnífica dos sólidos à luz”, mas sim, a exposição dos sólidos decorados, à natureza, à luz e até idiossincrasia que os rodeiam. Donde, serem indesejáveis no fórum tradicional da Covilhã, os triviais edifícios impudicamente nus, de janelas boquiabertas e linhas afritivamente paralelas ao caminho dos répteis. (...)”²¹

Deste modo, o cine-teatro *Covilhanense* tem que ser projectado de forma a integrar-se perfeitamente no conjunto, respeitando as características gerais do mesmo e implantando-se de forma a contribuir para a definição dos limites da praça, ou para a definição da própria praça em si. A sua fachada, é assim objecto de estudo cuidadoso, uma vez que, mais do que a fachada de um cine-teatro, é também fachada da própria praça. Assim sendo, o arquitecto aplica os materiais característicos da região, e dominantes em todo o conjunto, como a pedra granítica combinada com superfícies rebocadas a branco, e recorre a um conjunto de arquétipos como arcarias, torre, coruchéu, de modo a contribuir para uma imagem coerente do conjunto (Fig.94). Na composição desta praça, dominaria, como é lógico, o corpo dos Paços do Concelho, que ocupa uma posição central e apresenta uma configuração alongada e perfeitamente simétrica, com uma galeria coberta de arcaria redonda. Este edifício seria rematado por um lado pelo edifício do cine-teatro, e pelo outro pelo edifício dos CTT que, comportando cada um a sua torre encimada

por coruchéu e galerias cobertas ao nível da praça, funcionam quase como reflexo um do outro (Figs.95 e 96).

Virando para a praça a fachada mais representativa, a mais estreita de um lote rectangular com apenas duas fachadas visíveis, Rodrigues Lima aproveita o gaveto formado pela união das duas, para introduzir e marcar a entrada principal no edifício (Figs.97 e 98). Esta entrada, apesar de não se situar exactamente a cixo com a praça, relaciona-se francamente com ela. Relação essa que seria ainda reforçada pela configuração do próprio vestíbulo que, sendo semi-exterior, funciona como um prolongamento daquela.

A fachada mais comprida, é virada para uma rua relativamente estreita, de carácter comercial. Assim sendo, o piso térreo, também composto por estabelecimentos comerciais (fortalecendo o carácter da rua), é rasgado por várias vitrinas, separadas por lâminas de betão que se prolongam até ao alto, seccionando o alçado em sucessivos panos cegos (Fig.99).

No interior, a sala de espectáculos, composta por plateia e balcão, com a lotação de 1090 lugares, ocupa praticamente a largura total do edifício. Foyers, bares e salões localizam-se na parte da frente do edifício, numa relação franca e directa com a sala (Figs.100 a 102).

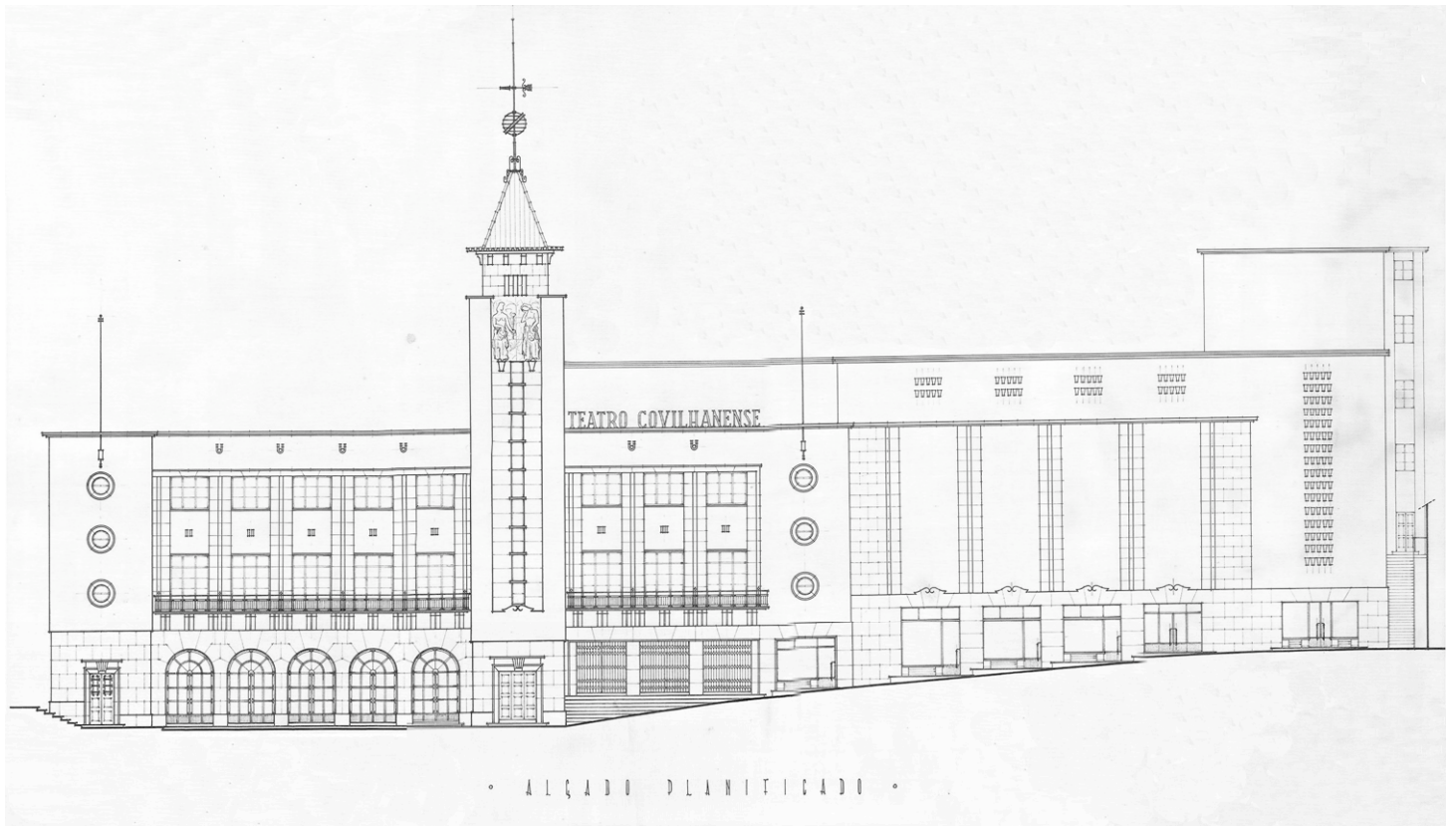
Devido ao declive e irregularidade do terreno, a sala de espectáculos desenvolve-se a um nível superior ao da entrada principal, originando um foyer de entrada de duplo pé-direito (Figs.103 e 104). Ricamente decorado, e com uma escala imponente, este foyer, com uma posição privilegiada no centro da Covilhã, traduzir-se-ia na “sala de estar” da cidade (Fig.105). A par com este foyer e bar, outros existiriam em pisos superiores, assim como “espaços de exposições”, ocupando as salas curvas do gaveto.

Esta multiplicidade de espaços, revela provavelmente uma distinção social que, não sendo evidente ao nível dos acessos, se deveria verificar no interior da sala. Deste modo, os lugares do balcão, com melhores condições de visualização, deveriam corresponder às classes mais abastadas, assim como grande parte dos lugares da plateia; e as primeiras filas da frente, muito próximas do ecrã, corresponderiam às classes mais baixas, sendo ainda hoje evidente uma diferença no conforto das cadeiras: as cadeiras da frente são de madeira, enquanto as outras são estofadas (Fig.106).

Fig.97 – Covilhanense – Fachada principal virada para a praça

Fig.98 – Covilhanense – Alçado planificado – Esc. 1/400

Fig.99 – Covilhanense – Fachada lateral, correspondente à sala de espectáculos



98

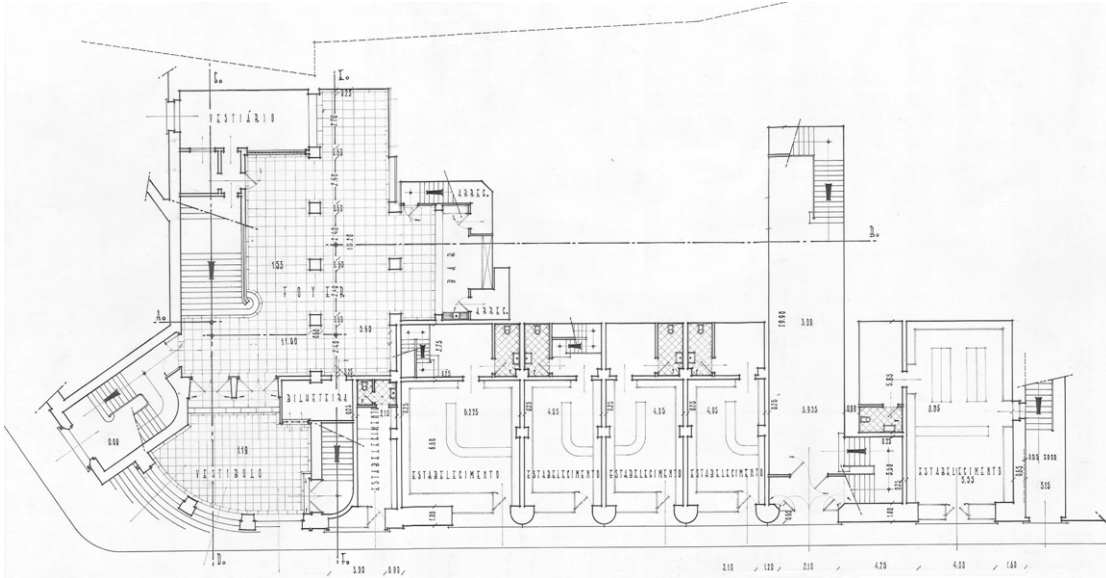


97

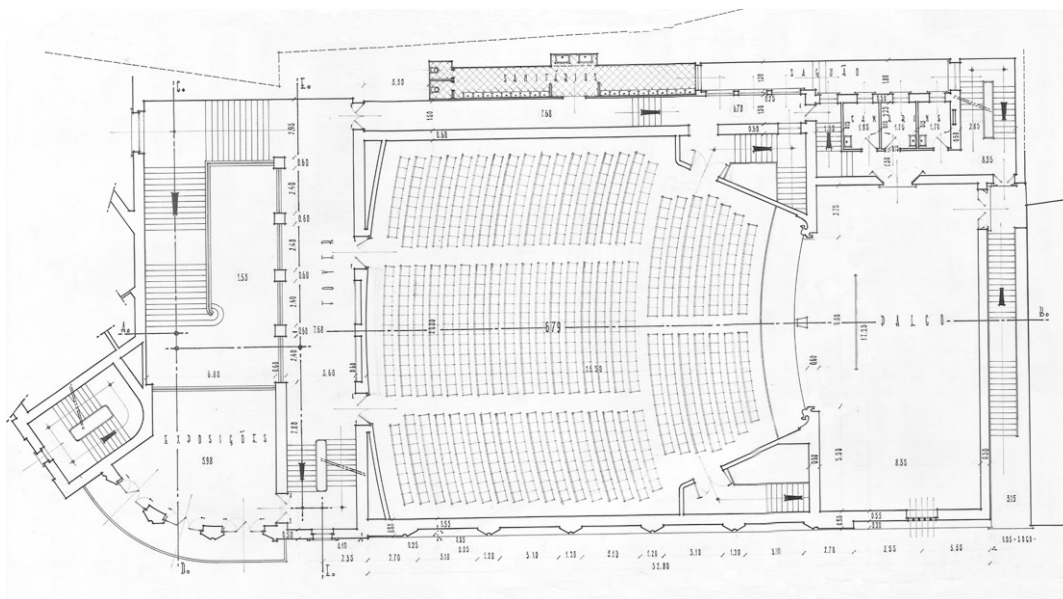


99

A lei dos "Cine-teatros" e a mudança de rumo 187



100



101